

Daniela Pawelski

De que forma a iluminação se tornou sua principal atividade como arquiteta?

Como foi seu ingresso nesta área?

Tornei-me lighting designer bem por acaso. Em 2001, me formei em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo e queria muito continuar meus estudos. Na verdade, só procurei oportunidades na Europa; estava pronta para morar fora e fiz minha inscrição em vários cursos, que estavam selecionando para o próximo ano. Wismar estava com o calendário de inscrições ainda aberto para o mesmo ano, então me inscrevi e fui selecionada no programa de mestrado em Architectural Lighting Design, com bolsa do DAAD, em parceria com a CAPES. Nem sabia do que realmente tratava o curso, tampouco o universo de informações que estava por vir!

Como é o mercado de iluminação no Espírito Santo? Há uma grande demanda por projetos luminotécnicos?

Sou capixaba de coração, então, pra mim, está tudo ótimo, mesmo não estando! Estamos em crise aqui também. O Estado está se adaptando a esse boom de crescimento urbano e a todos os ajustes e consequências dele, mas estou com alguns projetos em desenvolvimento e não posso reclamar. Existem poucos profissionais de iluminação aqui... acho que em todo lugar, né?

Quais foram os trabalhos mais importantes da sua carreira até hoje?

Quando trabalhei na Targetti, na Itália, fiz muita coisa interessante. Desenvolvemos



Lighting designer acredita que o profissional deve amar luz e ponto, sem se preocupar com rótulos.

Entrevista concedida a Erlei Gobi

o luminotécnico das franquias Levis, McDonalds, FIAT. Trabalhei em muitos estudos de caso de restauro com iluminação, como o Davi, de Michelangelo, mas o que realmente esquenta meu coração é a parte da execução. Fizemos um trabalho num workshop do ELDA (Associação que precedeu a PLDA – Professional Lighting Designers Association), em Unna, na Alemanha, iluminando a torre da catedral da cidade, em 24 horas; foi empolgante. Recentemente, executei o projeto do Museu Vale (capa da edição nº 75 da Revista Lume Arquitetura) e fazer essa imersão da obra, mudar tudo na hora dos testes e viajar na escala 1:1 é o mais gostoso. O projeto ser relevante é o menos importante, o que fica na memória, dessa experiência, é o que vale.

Que tipo de formação você acredita que um lighting designer deve ter?

Na Europa, costumava ouvir lighting architecture ou lighting artist. É engraçado os rótulos que queremos sempre colocar nas coisas. Acho que um lighting designer tem que amar luz e ponto. Agora, o que este profissional resolve fazer é que direciona a sua formação. Quer iluminar shows? Artista. Quer economizar energia? Engenheiro. Quer trabalhar com certificações? Administrador. Quer emocionar? Psicólogo. Quer urbanizar a cidade à noite? Arquiteto. Quer fazer tudo isso? Mestrado em Architectural Lighting Design! E uma boa dose de criatividade na formação genética, claro.

Você faz parte de alguma associação?

Por quê?

Atualmente não. Desacelerei, não consigo acompanhar as atividades, os eventos, nem as publicações. E se não participo não faço parte né? Mas sou ELDA de coração.

Além da iluminação, quais são suas outras paixões?

Amo ir à praia, mas isso não conta, né? Amo meus filhos, isso conta! Mas sou uma amante da arquitetura orgânica, das novas formas, dos espaços inusitados, usuários inspirados... no fim, tudo tem um ponto de interseção com a luz. Amo estudar e, atualmente, estou permeando o mundo da sustentabilidade e das redes de geração distribuídas, mas não deixo de ir à praia, com meus filhos, por nada disso. ◀